

Lugar e imagem: desvelando significados

Zilá Mesquita e Valéria Pereira da Silva

Cada presente é definido por aquelas imagens que lhe são sincrônicas:
cada agora é o agora de uma determinada recognoscibilidade.
Nele a verdade está, até à explosão, carregada de temporalidade. (...) Não que o passado lance a sua luz sobre o presente ou que o presente lance a sua luz sobre o passado, mas “imagem” é, aí, aquilo em que o pretérito se junta, de modo fulgurante, com o agora, em uma constelação.
Noutras palavras: “imagem” é a dialética em paralisação. (...) A imagem lida, isto é, a imagem no agora de sua recognoscibilidade, porta em alto grau a marca do momento crítico, perigoso, subjacente a toda leitura.
(Walter Benjamin, *Gesammelte Schriften*, apud Kothe, 1985: 15)

Nota: Zilá Mesquita é professora adjunta do Programa de Pós-Graduação em Administração da Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Valéria Pereira da Silva é bacharel em Ciências Administrativas pela Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e bolsista de apoio técnico do CNPq.

Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 34, julho-dezembro de 2004, p. 116-138.

Quando residimos por muito tempo em determinado lugar, podemos conhecê-lo intimamente, porém a sua imagem pode não ser nítida, a menos que possamos também vê-lo de fora e pensemos em nossa experiência.
(Tuan, 1983: 20-1)

O texto de Benjamin que nos serve de epígrafe exprime desafios e perigos a enfrentar quando se trata de tentar compor com fragmentos a história e a imagem de um espaço que se tem transformado em lugar. A paisagem, e assim também a representação pictórica ou fotográfica de um lugar, além de atender à “concepção humboldtiana” de representação visual da natureza, em que o “gosto e a sensibilidade são partes integrantes do ato de conhecimento”, como nos reportam Kury e Sá citados por Galano (2000: 85), também nos atraem quando são capazes de nos transportar a vivências de memórias nossas ou de alguém próximo a nós. Mas as imagens também permitem que vejamos o lugar “de fora” e o cotejemos com novas experiências. Em outras palavras: o lugar, a paisagem ou a sua imagem *re*-apresentam em nós e para nós emoções guardadas no baú do pretérito, isto é: *preteridas* no agora, mas guardadas com a “aura” com que as revestimos em nossas lembranças.

Memória e imagem

Há três exemplos ilustrativos que queremos discutir: o desenho pictórico de um parque, o mapa pictórico de uma cidade e fotos antigas e recentes desse mesmo parque. Não há, nessa escolha, qualquer desprestígio à imagem em movimento, tal como se mediatiza pelo filme ou vídeo. Tais recursos parecem se filiar antes a uma memória ou crônica do tempo presente, embora alguém possa se perguntar se há algum outro papel imputável à imagem que não o da crônica do tempo presente que logo se transformará em passado, ou aquele de remeter a memórias particulares, como no caso dos vídeos de eventos familiares. Deixaremos em suspenso essa demanda, para nos determos com mais nitidez na fotografia.

Galano (2000: 98), referindo-se aos observatórios fotográficos de paisagens incentivados, na França, pelo Ministério do Meio Ambiente, pergunta se é possível imaginar que em torno deles se constituam situações para ampliar a vida local, reforçar laços sociais e dar sentido ao compartilhamento de uma nova cultura paisagística e fotográfica.

Memória e imagem: em nosso juízo, a fotografia também pode emergir com virtualidades inesperadas. Uma situação emblemática que, a nosso ver, res-

ponde ao menos em parte a essa pergunta e exemplifica essa virtualidade é a experiência relatada pelo então secretário de Educação e Cultura do município de Silveira Martins, no Rio Grande do Sul, José Itaquí. Envolvendo-se num projeto de educação na Quarta Colônia de Imigração Italiana do Rio Grande do Sul, situada ao norte de Santa Maria, ele percebeu que as casas dessa antiga colônia, que abrigaram os primeiros imigrantes, abandonadas algumas ou em processo de deterioração outras, eram alvo da decisão de seus descendentes de pô-las abaixo, fato esse que, se consumado, destruiria a memória da região acerca de suas origens. O secretário, então, fotografou essas antigas moradias e, em sessões de “Filó”,¹ exibiu diapositivos dessas casas misturadas aos de casas que havia fotografado em viagem à Itália, nas regiões de origem dos antepassados dessa população, que, aliás, estava com a sua auto-estima muito baixa. Não tardou para que os comentários apreciativos sobre as residências do Vêneto ou da Toscana fossem pontuados por exclamações de agradável surpresa: “Mas como essa casa da Itália se parece com a casa aqui, do fulano!” Esse artil fotográfico paciente funcionou como um agente de valorização para a comunidade local, mais convincente que qualquer discurso argumentativo em favor das antigas casas da Quarta Colônia. Ele também aproximou do familiar, daquilo que era habitual, a curiosidade pelo desconhecido: matéria-prima de qualquer aventura humana. Essa experiência ilustra a assertiva de que é impossível discutir o espaço experiencial sem introduzir os objetos e os lugares que definem o espaço (Tuan, 1983: 151). Além disso, tal experiência endossa que, de fato,

a fotografia é, antes de tudo, um olhar que recorta, seleciona, escolhe; um olhar subjetivo cheio de emoção e de uma idéia de mundo: um olhar que interpreta. É ao mesmo tempo um olhar que usa uma técnica e que precisa, de alguma forma, dominar a máquina. Mas a fotografia supõe, ainda, outro olhar: o olhar do apreciador, com sua história de vida, sua cultura, sua emoção. Não consigo pensar fotografia apenas como índice, metonímia, duplo do real e, apesar de reconhecer nela essa qualidade, vejo-a para além do índice, como possibilidade metafórica, texto indireto e cheio de reentrâncias, onde a coisa retratada pode esconder-se, e, no mais das vezes, esconde-se, para além da imagem, no imaginário. (Pinheiro, 2000: 130)

Espaço, espaço público e lugar

Analisar a transformação de um espaço público através de suas imagens é tentar ir além do que elas nos transmitem em sua especificidade. Trata-se de compreender que “o reconhecimento de experiências diferentes não conduz

necessariamente a entendimentos puramente locais” (Jovchelovitch, 2000: 33). Supõe também pensar o espaço público como algo que pode ser visto, mesmo que precise ser desvelado para além de sua materialidade específica. Por outro lado, se a cultura é a teia de significados socialmente constituídos, como a quer Geertz, e se “a cidade é o espaço por excelência para a construção desses significados expressos em bens culturais” (Pesavento, 1995: 282), justifica-se a análise de um parque como imagem que permanece, se renova e se oculta no coração da cidade e na sua outrora periferia, como veremos mais adiante.

No caso presente, tomar a representação social de um espaço público urbano atual, eleito pelos cidadãos e seus usuários como “o mais querido da cidade” – conseqüentemente portador de uma grande carga afetiva – e buscar em contraposição o olhar, o enquadramento, a leitura imagética de “leitores especiais da cidade” (Pesavento, 1995: 287), como o são, entre outros, os fotógrafos, cronistas, poetas e artistas plásticos, é perceber algumas das materialidades que fizeram desse espaço um lugar, e o que se esconde por detrás dessas imagens, ou para além delas, no imaginário e em representações de um espaço público como esse: a de ser *o lugar mais querido*. Mas há também imagens literárias, como veremos adiante, que nos transladam aos *lugares*.

Analisar esse espaço, através de algumas de suas imagens, como o *lugar* que é para os seus freqüentadores, sem mesmo interpelá-los, foi o nosso propósito. Não se trata de uma imagem *da* cidade, no sentido de um emblema totalizante do urbano. Então, como ler essa representação, que ao mesmo tempo integra a realidade como percepção presentificada, para os moradores, em imagem *da* cidade e também *na* cidade, entre muitas que o imaginário pode abrigar? O mapa pictórico, o desenho pictórico,² algumas fotografias de hoje e “de outrora” se constituíram nos objetos imagéticos e interpelantes do imaginário que nos transportaram a fragmentos do passado de nossa cidade, fragmentos esses possivelmente desconhecidos de grande parte daqueles que elegeram esse lugar, o Parque da Redenção, como “o mais querido da cidade”.

Iniciemos antes apresentando o mapa pictórico de Porto Alegre, onde o parque figura. Assinado pela artista plástica Vera Mucillo, que o concebeu em 1994, e distribuído pela Prefeitura Municipal, desde então o mapa tem sido símbolo de um amor mudo por Porto Alegre, cuja prova mais evidente é encontrá-lo emoldurado e pendurado à parede em alguns estabelecimentos comerciais da cidade. O Parque da Redenção, que o integra, se constitui em um *lugar* na cidade.

Mas, afinal, o que é um *lugar*? É oportuno que se comece distinguindo espaço, território e lugar, que, no senso comum, são, com freqüência, termos empregados indistintamente. Alerta-nos Tuan (1983) que, na experiência, freqüentemente espaço e lugar se fundem, mas “espaço é mais abstrato do que

‘lugar’”. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (Tuan, 1983: 6). Por seu lado, Raffestin (*apud* Mesquita, 1995: 82) estabelece diferenças entre espaço e território, afirmando que este é gerado a partir daquele “como o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator realizando um programa) seja em que nível for. Ao apropriar-se concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação) de um espaço, o ator ‘territorializa’ o espaço”. Para ele, todo projeto no espaço que se exprime por uma representação revela a imagem desejada de um território, lugar de relações. Concordamos. Mas é preciso qualificar as relações: o território, já em sua etimologia, remete a domínio, a pertença, logo, a poder: refere-se à terra pertencente a alguém ou a algum domínio instituído.



Mapa Pictórico de Porto Alegre, RS.

Fonte: http://www.inf.ufrgs.br/turismo/poa/fig_completa.html

Ao território, então, vale contrapor a concepção de *lugar* de Yi-Fu-Tuan, geógrafo sino-americano partidário da geografia humanista. Ele interroga: “Que é um lugar? O que dá identidade e aura a um lugar?” (Tuan, 1983: 4) e, ao longo

de sua obra, conclui-se que o lugar é um centro de significados que mobilizam nosso intelecto e nossas emoções. Para Tuan (1983: 179), o lugar pode ser definido de diversos modos, entre os quais: lugar é qualquer objeto estável que capta nossa atenção. “A cidade é um lugar, um centro de significados por excelência. Possui muitos símbolos bem visíveis. Mais ainda, a própria cidade é um símbolo” (Tuan, 1983: 191). Contudo, não há uma escala geográfica preestabelecida de limite.

O lugar, tomado na perspectiva da Geografia Humanista, é ou pode vir a ser o “lócus” da experiência envolvendo razão e emoção. Isto se dá de várias maneiras ao impregnarmos significados ao lugar mobilizando nossa razão e nossa sensibilidade. Uma dessas maneiras pode ser ilustrada pela decisão de perscrutar nosso cotidiano e o lugar ao qual “estamos presos” e, como Édipo, escravos da emoção ou da razão e portanto cegos ao resgate de nós mesmos. (Mesquita, 1998: 73)

Portanto, o *lugar* se constitui no lócus das vivências afetivas capazes de evocar sua presença mesmo em sua ausência diante de nós. Para tanto, a imagem cumpre o seu papel, com a sua capacidade de imitar ou buscar reproduzir o real, secundada pela memória, com sua possibilidade de convocar o *lugar* ao tempo presente, pelas nossas lembranças. O papel mediador entre imagem mental e memória, na objetivação do *lugar como densidade de afetos*, tem sido reservado aos audiovisuais. Entre esses, daremos destaque a dois: o desenho pictórico e a fotografia. Ambos são imagens paradas no tempo e capazes de evocar lugares de nossos afetos. Entretanto, esse atributo esbarra com alguns óbices. Um deles consiste em atribuir à imagem uma inteligibilidade universal, o que acontece especialmente com a fotografia.

Uma das falácias sobre a fotografia (Loizos, 2002: 139-40) é que ela seja simples e universalmente acessível a qualquer um do mesmo modo, ou seja, que ela opere transculturalmente, independentemente dos contextos sociais, de tal modo que todos verão e entenderão nela um mesmo conteúdo. Uma tentativa de contornar essa falácia nos leva a contextualizar o lugar em análise.

Sob a lente: o lugar

A necessidade humana de atribuir significados ao espaço, transformando-o em *lugar*, pode ser ilustrada pelo Parque da Redenção e por uma rua que lhe é contígua: a avenida José Bonifácio, identificada como um lugar permeado de significados por muitos habitantes de Porto Alegre. Lá, pessoas politizadas, preocupadas e atentas ao meio ambiente, circulam nas Feiras Ecológicas realizadas no canteiro central da avenida aos sábados pela manhã. Aos domingos

também há uma apreciável circulação de pessoas, pois lá se estabelece o “Brique da Redenção”, com suas feiras de artesanato, arte na praça, antigüidade e alimentação, além de ocorrerem manifestações artísticas, políticas e sociais. Ao “colocar a lente” sobre o mapa pictórico, os lugares a que estamos fazendo referência se evidenciam. Procuraremos contextualizar esses lugares, remetendo às origens históricas do espaço maior que constitui hoje a cidade.



O contexto urbano: reminiscências do passado

Segundo vários autores, entre os quais Roche (1969) e Lazzarotto (1982), Porto Alegre nasce no momento de transformação do continente em território de povoamento, a partir da doação de sesmarias ao conquistador português no sul do Brasil e, logo após, com o surgimento das estâncias de pouso

e de criação de gado. Rocha (1995: 120) relata que o mito de fundação da cidade recupera a narrativa legendária da doação da sesmaria de Santana a Jerônimo de Ornellas (1744) e, mais tarde, da desapropriação de uma parte desse território, a ponta da península, para a fixação definitiva dos casais açorianos (1772), ali “arranchados” por vinte anos. Essa desapropriação originou o vilarejo de São Francisco dos Casais, transformado em seguida em Freguesia Nossa Senhora da Madre de Deus de Porto Alegre (1773). Portanto, Porto Alegre nasceu de uma pequena colônia de casais açorianos estabelecidos, em 1752, em território alheio: a Sesmaria de Santana. Daí ser chamada de Porto dos Casais.

Em 26 de março de 1772, um edital eclesiástico divide a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Viamão em duas. O antigo Porto dos Casais se transforma na Freguesia de São Francisco. Quase um ano depois, em 18 de janeiro de 1773, um novo edital rebatiza-a, e ela passa a se chamar Madre de Deus de Porto Alegre. O então governador da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, José Marcelino de Figueiredo, ordena a transferência da Câmara Municipal de Viamão para Porto Alegre. Com esse ato, a antiga colônia açoriana se torna capital da província. Além de centro administrativo, a cidade se transforma em área militar. Paliçadas de madeira são construídas em torno da cidade. As estreitas ruas da Porto Alegre colonial são projetadas como um labirinto, possuindo nítido caráter defensivo. Em 1809, ela se transforma em vila e, 13 anos depois, em 1822, em cidade (cf. <http://www.portoalegre.rs.gov.br/dadosger/historia.htm>).

Não é nosso objetivo esmiuçar a história da cidade. Há, porém, dois eventos marcantes, de repercussão nacional, que, de alguma maneira, se vinculam ao local que analisaremos: o Parque da Redenção. O primeiro evento, que durou dez anos e que atingiu a cidade, foi a Guerra dos Farrapos (1835 a 1845), também conhecida como Revolução Farroupilha. Porto Alegre se encontrava fortificada, o que não impediu que, em 20 de setembro de 1835, fosse invadida pelas tropas rebeldes. Os Imperiais, em 1836, retomaram a cidade, que, a partir de então, sofreria três intermináveis cercos até 1838 (<http://www.portoalegre.rs.gov.br/dadosger/historia.htm>). Embora não tenhamos averiguado registros históricos do fato, é muito possível que essas milícias tenham utilizado “A Várzea” – o atual parque – para acampar antes dos ataques, pela sua proximidade com o portão da cidade, situado perto da atual Santa Casa de Misericórdia. Foi a resistência a esses cercos que deu à cidade o título de “Mui Leal e Valorosa”, inscrito em seu brasão, em cuja imagem emblemática, entre outros símbolos, também figura um portão.

Mais tarde, um segundo evento, a Guerra do Paraguai (1865 a 1870), transforma a capital gaúcha na cidade mais próxima dos locais de manobras militares. A cidade recebe dinheiro do governo central, além de serviço telegráfico, novos estaleiros, quartéis, melhorias na área portuária e construção do primeiro

andar do novo Mercado Público (<http://www.portoalegre.rs.gov.br/dadosger/historia.htm>).

Mas o fim dessa guerra é sucedido por uma crise político-administrativa. Perdia-se lentamente o controle sobre as comunidades de escravos, e, em 1884, portanto antes do ato da princesa Isabel, o governo municipal de Porto Alegre liberta os escravos da cidade. Esse fato é particularmente interessante, por se relacionar diretamente com o espaço em tela: o parque.

Parque Farroupilha: garimpando imagens, entrevendo pepitas

A origem mais remota do parque nos remete aos Campos da Várzea, uma área pública de 69 hectares que servia de acampamento para os carreteiros e na qual permanecia o gado destinado ao abastecimento da cidade.

Chegavam à Varzea as carretas de Santo Antonio da Patrulha, que a esse tempo, já se mostrava interessada no progresso do fabrico de assucar branco e mascavo. Os carreteiros, em numerosas carretas, chegavam à Varzea geralmente pela estrada do meio, largavam bois próximo à chácara do Major Moraes. Era bonito de ver-se aquella turma de cinco e seis carretas em linhas apropriadas ao trabalho, e a boiada, em número de cinquenta a sessenta cabeças, se dirigindo à aguada mais próxima na mesma varzea, e bem assim os animais de montaria, que ficaram depois a solta. (...) Eram os dias mais alegres para aquella população, a feira rural que vinha em visita à capital. (Coelho, 1935: 32)³

O local foi doado à urbe em 24 de outubro de 1807 pelo governador Paulo José da Silva Gama “para os utilíssimos e necessários fins de conservação de gados que matam nos açougues desta vila”. Uma cláusula do contrato estabelecia que a área não poderia ser alienada sem expressa autorização de Dom João VI. Foi essa cláusula que salvou o atual parque, impedido por Dom Pedro I de ser loteado e vendido em 1826, por estar destinado a ser local para exercícios militares. De 1867 a 1872, construiu-se nesse local uma capela, a do Senhor do Bom Fim, que veio a alterar o nome de *Campos da Várzea* para *Campos do Bom Fim*, sedimentando o nome do bairro que atualmente ali existe: o bairro do Bom Fim.

Ary Veigas Sanhudo (1979: 108), em *Crônicas de minha cidade*, afirma que o local “era bom mato, com excelente caça, onde inúmeras vezes encontravam seguro abrigo os escravos fugidos”. Já Lazzarotto (1982: 85) explicita que, após a abolição da escravatura, “os negros foram abandonados⁴ no Campo do Bom Fim, que passou a se chamar *Campo da Redenção*”.

O local era formado, até o final do século XIX, por poucas casas velhas e algumas chácaras. Todo o resto era mato com caça, onde muitas vezes os escravos refugiados encontravam abrigo. Após a Abolição, muitos libertos, sem ter para onde ir, instalaram-se nessa região, que passou a se chamar extra-oficialmente Campos da Redenção. Só no final da década de 1920 é que houve o processo de povoamento do bairro, com a chegada de membros da comunidade judaica, que instalaram suas residências e pequenas lojas e oficinas (Ávila, 2004).

O que queremos assinalar é que, apesar de o local ter recebido vários nomes, um deles foi escolhido pela memória e afetividade popular: *Redenção*. Em suma: placas colocadas recentemente no parque pela Prefeitura resumem que originalmente, em 1807, quando a área ficava próxima do portão de entrada da cidade, abrigava os carreteiros que comercializavam o gado da região. Era então chamada de *Campos da Várzea do Portão*.

Mais tarde, passou a se chamar *Campo do Bom Fim*, devido à proximidade com a capela (1867) e às festas que ali se realizavam. A libertação dos escravos, como vimos, transformou a área em *Campo da Redenção*, ensejando que, em 9 de setembro de 1884, a Câmara a denominasse *Campos da Redenção*, em homenagem à liberdade dos escravos do terceiro distrito da capital, que resultou na redenção de centenas de escravos um ano antes da libertação dos sexagenários e quatro anos antes da libertação geral dos escravos no país.



Desse período, lamentavelmente, não foram encontradas imagens, porém esse nome vingou de tal modo que, mesmo após a sua substituição, o parque continuou a ser assim indicado pela maioria da população. Ela constantemente alude a ele como “ir caminhar ou passear na Redenção”. Na o quê? Na *praça*? Na *área* que, ao render homenagem à libertação dos escravos, esconde, talvez, imagens perdidas de medo, dor, sofrimento, humilhações e alegrias? O que terá se perpetuado ou se apagado no imaginário, ao se vincular a esse nome um substantivo feminino ostentatório de um ato aparentemente magnânimo de liberdade, mas que acoberta histórias “sem importância” inscritas no cotidiano de tropeiros e mais tarde de escravos? Talvez nunca o saibamos. Há, entretanto, uma grande probabilidade de que os que assim se referem ao parque, ao nomeá-lo, ignorem essa origem e os significados de seu nome. Possivelmente ignoram também, ainda segundo as mesmas fontes, que a administração do intendente José Montaury conferiu ao parque uma centralidade no espaço da cidade que ele antes não tinha, pois era “a várzea”, do lado de fora da cidade:

O primeiro quarteirão foi ajardinado em 1927, recebendo a denominação de Parque Paulo Gama, conhecido atualmente como *Roseiral*. A obra foi assim justificada pelo intendente: “O bom gosto do povo despertou para estimar tão belo logradouro, no centro da figura da cidade, coisa que poucas capitais do mundo terão, e estimulei assim os vindouros para continuar o ajardinamento. Só daqui a dez ou vinte anos estará completo o Parque, mas isso pouco importa. Era necessário começar. Foi o que fiz e acabei de vez com o campo de pastagem de animais, para gáudio da população que tem bom gosto e que não tem jardins próprios.”

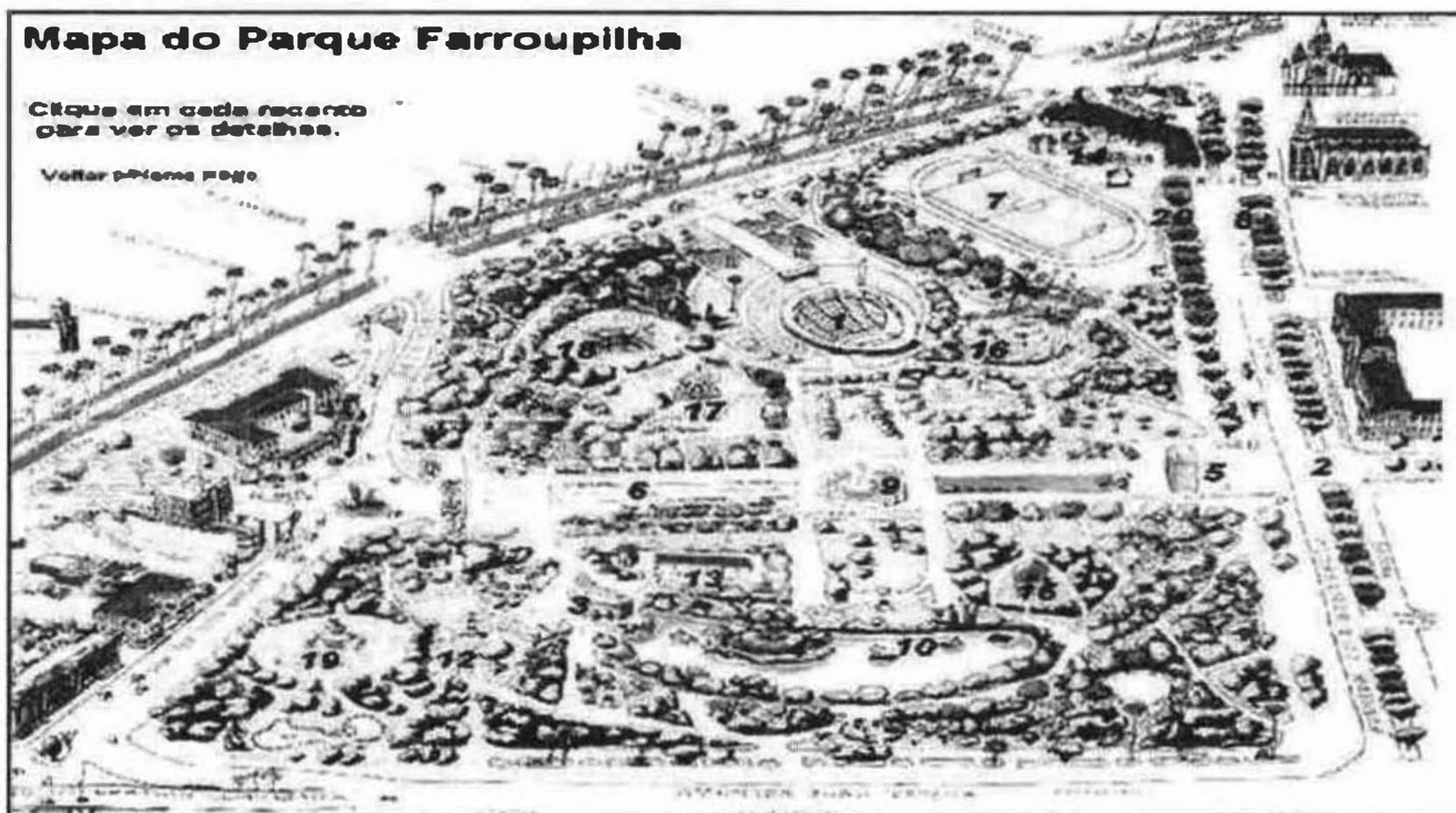
No início da década de 1930, na administração do prefeito Alberto Bins, foi contratado o arquiteto e urbanista Alfredo Agache para elaborar o anteprojeto de ajardinamento do Campo da Redenção, o qual recuperou a unidade da área eliminando o parcelamento do projeto anterior. Esta unidade foi adquirida através do eixo central, criando um passeio, o grande lago e a integridade do parque como um todo.

Esta proposta foi adotada, em parte, quando da instalação da Exposição Comemorativa do Centenário da Revolução Farroupilha, em 1935. Tal acontecimento foi fundamental para a implantação do Parque Farroupilha, pois através de um evento transitório efetivou-se a ocupação global deste espaço.

No dia 19 de setembro de 1935 o Campo da Redenção recebeu a denominação de *Parque Farroupilha*, através do Decreto Municipal 307/35.

A Exposição, que durou meses com a presença de visitantes, só teve seus prédios, construídos em estuque, desmontados a partir de 1939, quando também foi construído o Estádio Ramiro Souto. Permaneceu o pavilhão do Pará, que sediou a Divisão de Parques e Jardins, até ser destruído pelo fogo em 1970, juntamente com todo o arquivo e memória deste serviço municipal. (<http://www.aredencao.com.br/historico.htm>)

Pelos olhos do cronista, podem-se vislumbrar as transformações do local, preparando-o para o Centenário Farroupilha: “Quem te viu, e quem te vê! Grandiosa transformação! Da natureza que havia resta apenas o terreno sobre o qual a mão do artista, com carinho e perfeição, te tomou com farta messe de maravilhosa beleza; não te posso descrever” (Coelho, 1935: 34).



Mapa pictórico do parque. 1- Auditório Araújo Vianna. 2- Brique da Redenção. 3- Cafeteria. 4- Embarcadouro ou Recanto da Ilha. 5- Espaço Cívico. 6- Espelho D'água. 7- Estádio Ramiro Souto. 8- Feira Ecológica. 9- Fonte Luminosa. 10- Lago. 11- Mercado Bom Fim. 12- Mini-Zôo Palmira Gobbi Dias. 13- Orquidário Gastão de Almeida Santos. 14- Parque de Diversões. 15- Recanto Alpino. 16- Recanto Europeu. 17- Recanto Oriental. 18- Recanto Solar. 19- Roseiral. 20- Sociedade Esportiva Recanto da Alegria (Soeral).

Fonte: <http://www.aredencao.com.br/planta.htm>

Os recantos Jardim Alpino, Jardim Europeu e Jardim Oriental, implantados em 1941, parecem querer fazer do parque um “cadinho” do mundo. Esses recantos situam-se relativamente próximos ao lago, e a esse respeito cabe a pergunta encontrada no *site* sobre o parque: “Quem não percorreu suas trilhas, namorou em seus recantos e passeou com os pedalinhos ou as velhas bicicletas?” Evocador de imagens e memórias, e talvez por isso mesmo, ao completarsessenta anos com o nome de Parque Farroupilha, em 1995, ele foi eleito “o local mais querido dos cidadãos”, conquistando no imaginário dos porto-alegrenses a centralidade que lhe conferira oficialmente o intendente, mas agora por mérito seu, transformado realmente em um *lugar* para quem o visita ou frequenta. Uma tal eleição atesta que “um objeto ou lugar atinge realidade concreta quando nossa experiência com ele é total, isto é, através de todos os sentidos, como também com a mente ativa e reflexiva” (Tuan, 1983: 20).

Aos poucos, porém, os 69 hectares originais foram segmentados. Ao parque propriamente dito hoje estão reservados 40,01 hectares. Fontes históricas e cronistas da cidade, como Ary Veigas Sanhudo, relatam que, em seu limite sul, na atual avenida José Bonifácio, foi construída, em 1872, a Escola



Velódromo da União Velocípédica, Porto Alegre.

Fonte: Acervo do Museu Joaquim José Felizardo/Fototeca Sioma Breitman.

Militar e, ao norte, próximo aos antigos portões da cidade, construiu-se a União Velocipédica, onde hoje se encontra a Escola de Engenharia (Eifler, 1997: 10), cujos primeiros prédios, centenários, existem até hoje e pertencem à atual Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Note-se que até recentemente (e é provável que a maioria dos porto-alegrenses ignorem essa sua antiga origem no Velódromo) havia no parque, junto ao lago, um local para alugar bicicletas, em que se formavam filas aos domingos para quem desejasse passear em suas alamedas ensolaradas. Esse prédio, após reforma, foi ocupado recentemente por uma cafeteria, onde, ao sabor de um chá, sorvete, cerveja, vinho ou cafezinho, podem-se criar imagens ao ouvir música ao vivo ou conversar. Ou, talvez, nesses tempos “sem tempo”, quem sabe contrariar tudo e, dedicando-se ao ócio, resgatar as melhores tradições do *flâneur* comentado por Walter Benjamin?

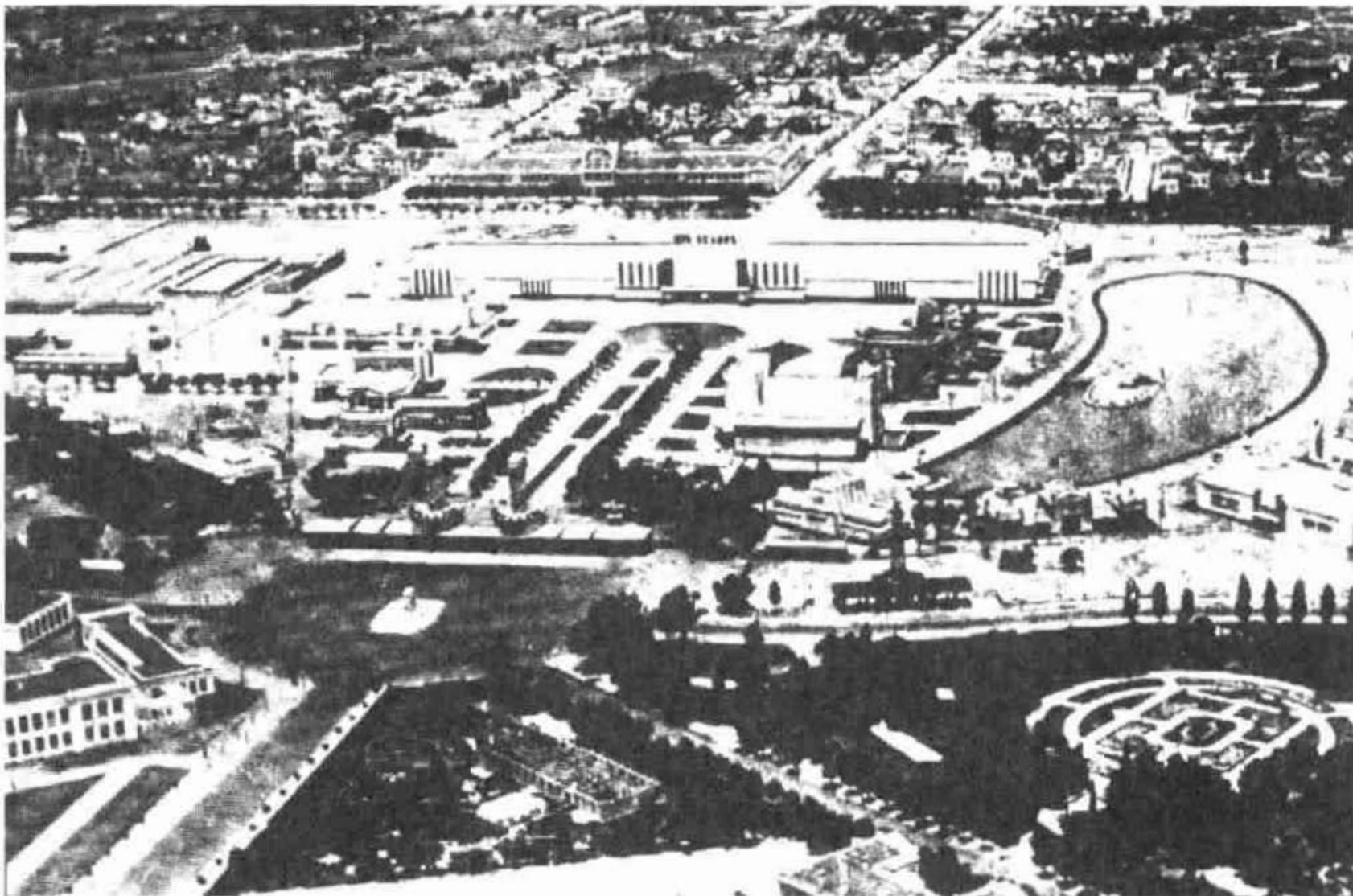


Vista atual. No primeiro plano, limitando o parque, e oferecendo frente ao prédio retangular que ocupa um quarteirão – o Colégio Militar – situa-se a avenida José Bonifácio. Em diagonal ao Colégio Militar, à direita, está o estádio Ramiro Souto. A construção circular à esquerda do Estádio é o atual Auditório Araújo Vianna, local de eventos, apresentações musicais e assembléias. À esquerda, envolto por trilhas e árvores frondosas, localizam-se o lago e a cafeteria de nosso convite. Na parte superior da foto, o parque faz limite com a atual praça Argentina, onde se pode ver ainda um “frade de pedra” – espécie de pequeno poste onde se amarravam os cavalos antes de adentrar pelo portão da cidade, que se situava logo adiante.

Fonte: <http://www.aredcncao.com.br>

Veja nas imagens da Redenção, de 1935 e de agora, se não lhe dá vontade, leitor, leitora, de deixar-se conduzir por este convite.

O parque não se nega também a servir de modelo. Ele tem posado para muitos amadores e profissionais nas quatro estações do ano, como testemunham as fotos de um aficionado da imagem fotográfica, que aparecem acompanhadas de texto auto-explicativo, encontrado no *site* http://www.aredencao.com.br/sua_foto.htm:



Vista aérea geral da Exposição do Centenário Farroupilha.

Acervo: Relatório da Exposição, 1935.

O amigo José Agustoni nos enviou duas fotos que tirou da Redenção lá no início da década de 80, quando “brincava” com um pequeno laboratório de fotografia P&B. Uma tem o pórtico do Colégio Militar e a outra foi numa manhã com neblina de abril (não lembra o ano) quase na esquina da João Pessoa com a José Bonifácio.

Ele tem um *site* na Internet, com muitos *links* interessantes e com muitas fotos de *WebCams* de Porto Alegre e de várias cidades do mundo. O endereço do site é: <http://planeta.terra.com.br/lazer/zeca> (setembro/2002).



Fachada do Colégio Militar.

Foto de Agustoni, anos 1980.

“Neblina de abril”, como denominamos a foto de Agustoni, nos leva a concordar com Tuan (1983: 138), que afirma:

Toda pintura ou fotografia de paisagem em perspectiva nos ensina a ver o tempo “flutuando” através do espaço. A cena distante não necessita provocar a idéia de tempo futuro: a cena pode ser um olhar retrospectivo e o caminho evanescente a trilha que percorremos. Tanto o passado como o futuro podem ser evocados pela cena distante.



Nebolina de abril.
Foto de Agustoni, anos 1980.

Imagem e texto

Contextualizado o *lugar*, cabe a nós inquirir: como os signos contidos nas imagens produzem seus sentidos? Recorramos a Walter Benjamin. Em “Paris, a cidade no espelho” ele escancara ao leitor uma representação de Paris presente (até hoje) em cartões postais – a dos *quais* do Sena com seus livreiros e caixas cheias de *bouquins*: “Sobre os desnudos *quais* do Sena há séculos se deitou a hera de folhas eruditas: Paris é um grande salão de biblioteca atravessado pelo Sena” (Benjamin, 1987: 195). E prossegue, demonstrando não haver nela monumento algum no qual uma obra prima da literatura não se tenha inspirado, levando-nos a percorrer lugares de Paris com a imaginação, ao citar, entre outros, Notre Dame e Vitor Hugo; a torre Eiffel, Cocteau e Giradoux ou o teatro da Ópera e seu fantasma na obra de Leroux. Nesse percurso por espaços públicos que são *lugares* famosos na cidade, sua argumentação é convincente. Ele é um “leitor especial” da cidade, e por isso nos transforma, por meio de signos e símbolos, em ausentes-presentes de uma Paris que é, ela mesma, literatura espacializada. E “belisca” o leitor curioso, mas menos afeito à história, ao inquirir:

Seus imensas praças vazias não serão páginas solenes, ilustrações de página inteira da história mundial? Em algarismos vermelhos cintila o ano 1789 na Place des Grèves. Cercado pelo perfil anguloso dos telhados, naquela Place des Voges, onde encontrou a morte: Henrique II. Com traços apagados uma escrita indecifrável naquela Place Maubert, outrora entrada da Paris sombria. (Benjamin, 1987: 195-6)

Como a praça Maubert, há, no espaço urbano, lugares de escrita indecifrável cujos traços apagados não permitem mais a evocação de imagens ausentes na memória, hoje repertoriadas nos livros ou rapidamente mencionadas nos *sites* da internet. Onde se situa a memória dos tropeiros ou dos escravos para quem trilha hoje “os campos” da Redenção? Há lugares da cidade que escondem de seus habitantes atuais as imagens que representam outras vivências, bem distintas das contemporâneas. O mapa e a foto, embora sejam imagens auxiliares, ainda assim não conseguem recompor, no momento crítico e perigoso de sua leitura presente, a recognoscibilidade, como já nos prevenira Benjamin na epígrafe deste trabalho.

A respeito desses recursos imagéticos do urbano, é ainda ele, Benjamin, quem traz uma opinião singular, invocando os comprimentos de onda da luz como metáfora: “Accerca desta cidade existe um conhecimento ultravioleta e um

infravermelho que não se deixam mais pressionar na forma do livro: foto e mapa das ruas – o conhecimento mais preciso do detalhe e do todo. Dessas extremidades do campo visual temos as mais belas amostras” (Benjamin, 1987: 196). Sobre essas imagens que são os mapas urbanos, aliás, parece haver uma reprimenda sutil aos geógrafos, cartógrafos e gráficos:

Quem alguma vez teve de manusear numa cidade desconhecida, numa esquina, sob tempo ruim, um dos grandes mapas de papel que, a cada lufada de vento, intumescem com velas, se rasgam em todas as bordas e que em breve são apenas um monte de folhas sujas, com que o sujeito se atormenta, aprende com o estudo do mapa Taride o que pode ser um mapa de cidade. E o que é a cidade. Pois bairros inteiros revelam seu segredo nos nomes de suas ruas. Na grande praça em frente à estação Saint Lazare tem-se ao redor de si metade da França e metade da Europa. Nomes como Havre, Anjou, Provença, Ruão, Londres, Amsterdã, Constantinopla percorrem ruas cinzentas com fitas cambiantes através da seda cinza. Este é o bairro chamado Europa. Assim se pode atravessar no mapa as ruas passo a passo; obviamente se pode também atravessar a cidade “rua por rua, casa por casa” na gigantesca obra na qual, em meados do século XIX, Lefeuve, o historiador da corte de Napoleão III, reuniu tudo o que era digno de conhecer. (Benjamin, 1987: 196)

Do mapa e das ruas ele se desloca para comentar a obra do historiador e de outros “apaixonados galanteadores desta cidade”, estrangeiros que a veneraram em prosa e verso. Mas, para demonstrar que a cidade se espelha em milhares de olhos e objetivos, dá o exemplo de Mario von Bucovich: ele “deu na fotografia uma expressão bela e sincera à sua afeição, e Morand, num prefácio a este álbum, confirmou-lhe o direito de seu amor” (Benjamin, 1987: 197). Detenhamo-nos aqui. Deixemos ao leitor curioso a busca dessa prazerosa leitura.

Como Paris, Porto Alegre também teve os seus amantes de fora. Um deles, dos mais caros aos porto-alegrenses, é o poeta Mário Quintana, que hoje empresta seu nome a um *lugar* da cidade: a sua Casa de Cultura. É esse poeta quem consegue nos pôr, os porto-alegrenses, todos de acordo, independentemente de colorações partidárias. É ele quem, através de imagens poéticas, sintagmatiza sentimentos num poema que alude a um símbolo do espaço, o mapa, transformando a cidade em um “lugar” para quem a percorre. Esse poema, há alguns anos, ao ser veiculado na TV, em mensagem publicitária com a imagem

do poeta caminhando pelas ruas de Porto Alegre e, simultaneamente, publicado em manuscrito com a sua caligrafia sob a forma de pôster, reuniu em torno de si, em imagem e afeto, aqueles que o viram ou leram:

O Mapa

Olho o mapa da cidade
Como quem examinasse
A anatomia de um corpo
(É nem que fosse o meu corpo!)

Sinto uma dor infinita
Das ruas de Porto Alegre
Onde jamais passarei...

Há tanta esquina esquisita,
Tanta nuança de paredes,
Há tanta moça bonita
Nas ruas que não andei
(E há uma rua encantada
que nem em sonhos sonhei...)

Quando eu for, um dia desses,
Poeira ou folha levada
No vento da madrugada,
Serei um pouco do nada
Invisível, delicioso

Que faz com que o teu ar
Pareça mais um olhar,
Suave mistério amoroso.
Cidade de meu andar
(Deste já tão longo andar!)

E talvez do meu repouso...

Mário Quintana

Notas

1. Antiga tradição das colônias de imigrantes italianos no sul do Brasil, em que as famílias de um determinado lugar se reuniam periodicamente em serões que propiciavam conversas, provas de receitas de suas regiões de origem na Itália ou outras formas de exercer a sociabilidade.

2. “O espaço é histórico se tiver direção ou uma perspectiva privilegiada. Os mapas são a-históricos, as pinturas de paisagem são históricas. O mapa é a visão divina do mundo, pois suas linhas são paralelas e se estendem para o infinito; o mapa de projeção ortográfica remonta aos antigos gregos. A pintura de mapas, com seus objetos organizados ao redor de um

ponto de fuga para onde convergem as linhas, parece-se mais com a maneira humana de olhar o mundo, e surgiu na Europa somente no século XV. Desde então as pinturas de paisagem que transformam ‘a simultaneidade do espaço em um acontecimento no tempo, isto é, uma seqüência irreversível de acontecimentos’, têm se tornado cada vez mais populares. Ver a paisagem em perspectiva propõe uma importante reordenação do tempo e do espaço” (Tuan, 1983: 137).

3. Mantivemos a ortografia do texto, escrito em 1935.

4. O grifo é nosso.

Referências bibliográficas

ÁVILA, Luciano. 2004. Disponível em <http://www.nosbairros.com.br/hbomfim.htm>. Acesso em 7 de junho.

BENJAMIN, Walter. 1985. “Pequena história da fotografia”, em KOTHE, Flávio R. (org.). *Walter Benjamin*. São Paulo, Ática (Coleção Grandes Cientistas Sociais, n. 50). p. 219-40.

———. 1987. “Paris, a cidade no espelho. Declaração de amor dos poetas e artistas à ‘capital do mundo’”, em *Imagens do pensamento*. 2ª ed. São Paulo, Brasiliense (Obras Escolhidas, vol. 2).

BINS, Patrícia. 1997. “Porto Alegre – Memória”. *RG Cultura*, Porto Alegre, março-abril. p. 19.

CAUDURO, Mila. 1997. “O coração do Rio Grande”. *RG Cultura*, Porto Alegre, março-abril. p. 18.

COELHO, Catão. 1935. “A várzea de outr’ora”. S.l., J. de Maria.

COSTA, Maria Fraga D. 1997. “O verdadeiro fundador de Porto Alegre”. *RG Cultura*, Porto Alegre, março-abril. p. 16-7.

DESESSARDS, Katya. 1997. “A nossa Porto Alegre”. *RG Cultura*, Porto Alegre, março-abril. p. 32.

EIFFLER, Ellen W. 1997. “Parque Farroupilha: universo democrático”. *RG Cultura*, Porto Alegre, março-abril. p. 10.

- <http://www.aredencao.com.br/historico.htm>
- <http://www.aredencao.com.br/fotoshistoricas.htm>
- <http://www.aredencao.com.br/imprensax.htm>
- <http://www.aredencao.com.br/imprensa224.htm>
- <http://www.aredencao.com.br/imprensa225.htm>
- <http://www.aredencao.com.br/imprensa226.htm>
- <http://www.aredencao.com.br/imprensa229.htm>
- <http://www.aredencao.com.br/imprensa296.htm>
- <http://www.aredencao.com.br/suafoto.htm>
- GALANO, Ana Maria. 2000. "Entre nostalgias e sinais de uma nova estética: observatórios fotográficos de paisagens na França". *Cadernos de Antropologia e Imagem*, Rio de Janeiro, UERJ, vol. 10, n. 1. p. 83-101.
- JOVCHELOVITCH, Sandra. 2000. *Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil*. Petrópolis, Vozes.
- KOTHE, Flávio R. 1985. "Poesia e proletariado: ruínas e rumos da história", em ——— (org.). *Walter Benjamin*. São Paulo, Ática (Coleção Grandes Cientistas Sociais, n. 50). p. 7-27.
- LAZZAROTTO, Danilo. 1982. *História do Rio Grande do Sul*. 4.^a ed. revista e atualizada. Porto Alegre, Sulina.
- LOIZOS, Peter. 2002. "Vídeo, filme e fotografias com documentos de pesquisa", em BAUER, Martin & GASKELL, George (eds.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, Vozes. p. 137-55.
- MESQUITA, Zilá. 1998. "Espaço, território e lugar: estas palavras ciganas...". *Educação, Subjetividade & Poder*, Porto Alegre, Núcleo de Estudos sobre Subjetividade, Poder e Educação, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS, Unijuí, vol. 5, julho. p. 64-75.
- . 1995. "Do território à consciência territorial", em ——— & BRANDÃO, Carlos (orgs.). *Territórios do cotidiano: uma introdução a novos olhares e experiências*. Porto Alegre/Santa Cruz do Sul, Universidade/UFRGS /Unisc. p. 76-92.
- PENN, Gemma. 2002. "Análise semiótica de imagens paradas", em BAUER, Martin & GASKELL, George (ed.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, Vozes. p. 319-42.
- PESAVENTO, Sandra J. 1995. "Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano". *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 16. p. 279-90.
- PINHEIRO, Jane. 2000. "Antropologia, arte, fotografia: diálogos interconexos". *Cadernos de Antropologia e Imagem*, Rio de Janeiro, UERJ, vol. 10, n. 1. p. 125-35.
- RAFFESTIN, Claude. 1980. *Pour une géographie du pouvoir*. Paris, Librairies Techniques.
- RAMIREZ, Hugo. 1997. "Guaiibeguara, os primitivos habitantes de Porto Alegre". *RG Cultura*, Porto Alegre, março-abril. p. 20-3.
- ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. 1995. "A irracionalidade do belo e a estética urbana no Brasil", em MESQUITA, Zilá & BRANDÃO, Carlos (orgs.). *Territórios do cotidiano: uma introdução a novos olhares e experiências*. Porto Alegre/Santa Cruz do Sul,

Universidade/UFRGS /Unisc. p.
110-29.

ROCHE, Jean. 1969. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Globo (Coleção Província, tomo I).

SANHUDO, Ary Veiga. 1979. *Porto Alegre: crônicas de minha cidade*.

Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul.

SILVEIRA, Caio Flávio Prates da. 1997. "Lances Históricos". *RG Cultura*, Porto Alegre, março-abril. p. 30-1.

(Recebido para publicação em julho e aceito em outubro de 2004)

Resumo

Como uma representação social contemporânea de um espaço público urbano pode revelar as suas transformações? Com o objetivo de refletir sobre significados visíveis e encobertos da imagem, detivemo-nos na análise de um espaço tomando-o como lugar. Seleccionamos o desenho pictórico, o mapa pictórico e a fotografia como imagens capazes de evocar lugares. Essas imagens, associadas a textos de diferentes origens, permitem oferecer alguma recognoscibilidade às transformações sociais.

Palavras-chave: espaço, espaço público, lugar, imagem fotográfica, imagem pictórica, imagem e texto.

Abstract

How can a contemporary social representation of an urban public space reveal its transformations? It is in order to reflect upon the visible and hidden meanings of the image that we try to analyse a space considering it as a place. We have selected pictorial drawing, pictorial map and photography as images that are able to evoke places. These images, associated to texts of different origins, allow us to recognize some social transformations.

Key words: space, public space, place, image, photography, pictorial image, image and text.

Résumé

Comment une représentation sociale contemporaine d'un espace urbain public peut-elle révéler ses transformations? Dans le but de réfléchir sur les signifiés visibles et cachés de l'image, nous avons entrepris l'analyse d'un espace en tant que lieu. Nous avons sélectionné le dessin pictural, la carte picturale et la photographie comme des images capables d'évoquer des lieux. Ces images, associées à des textes d'origine différente, permettent d'offrir quelque recognitibilité aux transformations sociales.

Mots-clés: espace, espace publique, lieu, image photographique, image pictorique, image et texte.